

CONSPIRAÇÃO E ESCAPE: UM BREVE ENSAIO CRÍTICO

Milton Luiz Torres¹

Resumo

Este ensaio sugere comparações entre as teorias de conspiração e a literatura de escape no contexto da preocupação cristã com as palavras edificantes. Para isso, faz uso dos dois critérios literários de Perrine e recorre às teorizações sobre a literatura em geral, especialmente as de Compagnon. O ensaio considera o grande apelo das teorias de conspiração e sugere que é comensurável ao da literatura de escape. Por isso, propõe que as teorias de conspiração representam certa evolução desde a literatura de escape, pois conseguem criar fantasias abrangentes que ultrapassam as páginas dos livros e se imiscuem na vida das pessoas, angariando sua cumplicidade para a figuração do mundo.

Palavras-chave: Teorias de conspiração; literatura de escape; toca de coelho.

Editores Científicos: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Received: 11/06/2024

Approved: 05/12/2024

Como citar: TORRES, M. L. Conspiração e escape: um breve ensaio crítico. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1632, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1632>

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo - USP, São Paulo (Brasil). Doutor em Arqueologia Clássica pela Universidade do Texas (Estados Unidos). Pós-Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais. Professor do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP/EC, São Paulo. Coordenador dos Cursos de Letras/Tradutor & Intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP/EC. E-mail: milton.torres@unasp.edu.br. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-1158-4876>.



CONSPIRACY AND ESCAPE: A BRIEF CRITICAL ESSAY

Abstract

This essay suggests comparisons between conspiracy theories and escape literature in the context of the Christian concern with edifying words. To do so, it uses Perrine's two literary criteria and draws on theories about literature in general, especially those of Compagnon. The essay considers the great appeal of conspiracy theories and suggests that it is commensurate with that of escape literature. Therefore, it proposes that conspiracy theories represent a certain evolution from escape literature, since they are able to create comprehensive fantasies that go beyond the pages of books and interfere in people's lives, gaining their complicity in the figuration of the world.

Keywords: Conspiration theories; escape literature; rabbit hole.

CONSPIRACIÓN Y ESCAPE: UN BREVE ENSAYO CRÍTICO

Resumen

Este ensayo sugiere comparaciones entre las teorías de conspiración y la literatura de escape en el contexto de la preocupación cristiana por las palabras edificantes. Para ello, utiliza los dos criterios literarios de Perrine y recurre a las teorías sobre la literatura en general, especialmente las de Compagnon. El ensayo considera el gran atractivo de las teorías de conspiración y sugiere que es comparable al de la literatura de escape. Por ello, propone que las teorías de conspiración representan una cierta evolución desde la literatura de escape, ya que logran crear fantasías abarcadoras que trascienden las páginas de los libros e invaden la vida de las personas, ganando su complicidad en la configuración del mundo.

Palabras clave: Teorías de conspiración; literatura de escape; madriguera del conejo.

INTRODUÇÃO

Paulo admoesta os cristãos, em Efésios 4:29, dizendo: “Não saia da boca de vocês nenhuma palavra suja, mas unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem” (Nova Almeida Atualizada). Nessa admoestação, o apóstolo usa a palavra “edificação” (*oikodomē*), que se refere à ação de construir uma estrutura física ou espiritual. A edificação,



embora subjetivamente definida, é uma marca de toda literatura aconselhável para o contexto da vida cristã. Ou seja, a literatura edificante é, acima de tudo, aquela com a qual *edificamos*, isto é, *construímos* sentido, como autores ou leitores, para o benefício das pessoas e de nós próprios.

Quando se diz que a definição é subjetiva, isso se deve ao fato de que não há regras unanimemente aceitas para o julgamento literário, pois elas dependem da percepção, inteligência e experiência prévia dos leitores. Apesar disso, Perrine (1993) fala de dois princípios básicos: (1) toda narrativa deve ser julgada pelo modo como plenamente alcança seu propósito central; e (2) toda narrativa deve ser julgada pela relevância de seu propósito central.

Quanto ao primeiro princípio, pode-se dizer que toda boa narrativa contém elementos que cooperam para a realização de seu propósito central. Por essa razão, nenhum elemento literário pode ser avaliado de modo isolado, uma vez que toda boa narrativa forma um todo coeso e orgânico. Sendo assim, todas as suas partes são necessárias e imprescindíveis para a realização de seu propósito central.

Acontece que, além disso, nenhuma obra deve ser considerada de forma isolada das outras obras que a precederam e com as quais se relaciona. Segundo Koch e Elias (2008, p. 78), todo texto é uma soma de outros textos, e isso gera novos sentidos. É que, de fato, não existem textos puros (Bakhtin, 1997, p. 332).

Quanto ao segundo princípio, Perrine (1993) afirma que, se seu único objetivo é “entreter”, quer pela mistificação, surpresa, excitação, hilaridade ou pungência, podemos considerar a obra como tendo menos valor do que quando seu objetivo é *revelar*. Ou seja, uma obra edificante não pode ter como único objetivo prover um mundo de fantasia e escape.

O PROBLEMA COM A LITERATURA DE ESCAPE

O problema com a literatura de escape é que ela professa apresentar situações da vida real quando, na verdade, simplesmente distorce essas situações por causa de sua superficialidade. Nesse caso, a obra apresenta caracterizações apressadas e, por isso, falsifica tramas, especialmente se faz uso de estereótipos emocionais ou



personagens típicos. Sendo assim, esse tipo de literatura representa inadequadamente a vida, o que a torna danosa devido ao fato de que nos impede de desfrutar de uma experiência mais sensível e de reagir de forma mais consciente.

Nesse contexto, Perrine (1993) argumenta que o leitor inexperiente está mais susceptível aos prejuízos da literatura barata, uma vez que geralmente prefere os estereótipos com os quais tem familiaridade e a superficialidade que não o obriga à reflexão. Por isso, o leitor inexperiente avalia as obras que lê não com base no que elas lhe revelam, mas com base em suas surpreendentes guinadas, seu suspense e seus arroubos românticos. Esse tipo de leitor está mais interessado no prazer de ler do que na reflexão que a leitura lhe deveria proporcionar. Ele quer uma leitura que seja fácil e que requeira pouco esforço mental. Ele lê apenas para receber a legitimação dos preconceitos que o ajudam a manter suas fantasias. Ele gosta de narrativas descomplicadas em que o herói vence os inimigos, fica rico e ganha o coração da moça a quem ama.

Ao contrário disso, o leitor experiente sabe que “o texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização do sentido que o destinatário ali introduziu” (Eco, 1983, p. 76). Segundo Wolfe (2011), é preciso ver algo mil vezes até que o vejamos pela primeira vez. Ou seja, em vez de ser uma atividade fácil, a leitura de uma obra é uma atividade intelectualmente muito desafiadora e que deveria comandar a máxima atenção do leitor. Por essa razão, nosso Machado de Assis (2021) explica que “o leitor atento, verdadeiro ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por ele faz repassar os atos e os fatos, até que deduza a verdade que estava ou parecia estar escondida”.

Além disso, “o leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro”, pois “o texto instrui e o leitor constrói” (Compagnon, 1999, p. 142, 147). O fato é que a construção de sentido é um processo cognitivo; é o modo

como compreendemos um comportamento novo, quer dizer, não por uma operação intelectual de subsunção [inclusão em algo maior], mas retomando por nossa conta o modo de existência que os signos observáveis esboçam diante de nós (Merleau-Ponty, 1999, p. 428).



O APELO DAS TEORIAS DE CONSPIRAÇÃO

Como o leitor é livre, às vezes a construção de sentido não segue a “instrução” do texto. Muitas vezes, o próprio texto é, com suas lacunas e incoerências, o culpado disso. Nesse caso, a liberdade do leitor o leva, por isso, a “construir uma coerência a partir de elementos dispersos e incompletos” (Compagnon, 1999, p. 152). Além disso, o leitor pode se atrapalhar por causa de estruturas gramaticais desafiadoras, pois “a construção de uma interpretação e a construção da gramática são uma única e mesma atividade” (Fish *apud* Compagnon, 1999, p. 178).

Outras vezes, porém, o leitor simplesmente abraça o sentido que, em suas propensões, imagina derivar da leitura. Atualmente, parece que isso se tornou um lugar comum. De acordo com Mencken (1949), “a mais cara de todas as loucuras é acreditar apaixonadamente no que é palpavelmente falso. Porém, essa é a principal atividade da humanidade” (tradução própria).² Daí, o surgimento de tantas teorias de conspiração, talvez mais do que em qualquer outro momento da história.

As teorias da conspiração apelam a diferentes grupos por diferentes razões. Elas permitem programas de televisão baratos e seguros. Assuntos atuais sérios e jornalismo investigativo são caros e vistos pelos executivos da TV como legalmente perigosos. As teorias da conspiração podem sempre ser apresentadas como “X pensa Y”, em vez de “X fez Y”. São uma opção suave e não apenas para quem faz programas de televisão. As teorias da conspiração não exigem que o público faça mais do que olhar passivamente. Algumas delas (quem matou a Lady Diana, Marilyn Monroe e JFK?) são *sexy*: é uma espécie de história de celebridades. São mistérios com pessoas com ideias realmente estranhas, poucas das quais sugerem que você realmente deva fazer alguma coisa. Têm um pouco do apelo do *show* de horrores. Algumas delas são quase apolíticas [...] (Ramsay, 2006, p. 143, tradução própria).³

² *The most costly of all follies is to believe passionately in the palpably not true. It is the chief occupation of mankind.*

³ *Conspiracy theories appeal to different groups for different reasons. They provide cheap - and safe - television programmes. Serious current affairs, let alone investigative journalism, is expensive and seen by TV executives as legally dangerous. Conspiracy theories can always be presented as ‘X thinks Y’, rather than ‘X did Y’. They are the soft option and not just for those making TV programmes. Conspiracy theories do not require the audience to do any more than ogle. Some of them - who killed Di and Marilyn and JFK? - are sexy: it’s a kind of celebrity history. It’s whodunits and people with really weird ideas - few of which suggest that you should actually do anything. It has some of the appeal of the freak show. Some of it is almost apolitical [...].*



Para Hodapp e von Kannon (2008, p. 7), uma teoria da conspiração é o casamento do improvável com o inescrutável, sendo que “inescrutável” é aquilo que é impossível de ser escrutado, investigado, compreendido; aquilo que é impenetrável, incompreensível e, portanto, insondável. Por isso, tantas teorias de conspiração se referem a alienígenas, grandes corporações e políticas governamentais, que são fontes difíceis de serem verificadas. Aliás, Mencken (*apud* Ramsay, 2006, p. 111) afirma que “o principal objetivo da política é manter a população alarmada e, portanto, desejosa de ser conduzida para um local seguro. Para isso, ela nos ameaça com uma série interminável de duendes, todos imaginários”.

Em função disso, Dentith (2014, p. 174) afirma que parece que o tipo de mundo político em que muitos de nós vivemos, pelo menos no Ocidente, está marcado por uma suspeita crescente e justificada de que os membros de instituições influentes nem sempre são verdadeiros quando lidam com o público. Gulyas (2016) fala de uma cultura de conspiração.

De fato, as teorias de conspiração evocam todo tipo de paranoia:

O porta-voz da paranoia vê o destino da conspiração em termos apocalípticos. Ele lida com o nascimento e a morte de mundos inteiros, de ordens políticas inteiras, de sistemas inteiros de valores humanos. Ele está sempre entrincheirado nas barricadas da civilização. Ele vive constantemente em um ponto de inflexão. Como os milenaristas religiosos, ele expressa a ansiedade daqueles que vivem os últimos dias e, às vezes, está disposto até a marcar a data do apocalipse (Hofstadter, 1964, tradução própria).⁴

Por outro lado, há conspirações que são, de fato, genuínas. Dentith (2014, p. 40) chega a comparar as verdadeiras conspirações a festas-surpresa, pois são planejadas em segredo, têm organizadores que trabalham clandestinamente e têm objetivos claramente definidos.

No entanto, vale salientar que nem toda teoria da conspiração genuína é maligna. Como as festas-surpresa, elas podem ter objetivos nobres e benéficos. O

⁴ *The paranoid spokesman sees the fate of conspiracy in apocalyptic terms—he traffics in the birth and death of whole worlds, whole political orders, whole systems of human values. He is always manning the barricades of civilization. He constantly lives at a turning point. Like religious millennialists he expresses the anxiety of those who are living through the last days and he is sometimes disposed to set a date for the apocalypse.*



fato de alguém estar agindo secretamente, mesmo no caso de uma conspiração, não implica que sua atividade seja sinistra ou malévola. Essa pessoa pode simplesmente estar valorizando elementos como surpresa, privacidade, confidencialidade e personalidade. Afinal de contas, a etimologia de “conspirar” é a de “respirar juntos”, ou seja, uma conspiração pode ocorrer como resultado de as pessoas trabalharem juntas e em íntima proximidade para ajudar um amigo mútuo.

O CRISTÃO E AS TEORIAS DE CONSPIRAÇÃO

Apesar de seu forte apelo, as teorias da conspiração não deveriam ser a principal preocupação dos cristãos. Fish (2014) reclama que muitos de seus

amigos cristãos gastam muito tempo com teorias da conspiração [...], sociedades secretas, vacinas, etc. Eles geralmente compartilham animadamente suas descobertas “convincentes” com a intenção de que outros também assistam a vídeos e participem de discussões. Já expliquei, muitas vezes, que já sabemos como o mundo vai acabar, e como o Senhor nos leva daqui para lá não é da minha conta. É triste ver tantas pessoas afastadas das boas-novas do amor de Jesus, perdendo seu tempo examinando o que quer que seja a última conspiração. Por favor, não gaste seu precioso tempo com teorias da conspiração. Determine-se, como Paulo, a falar apenas as boas-novas de Jesus (tradução própria).⁵

Da mesma forma, Dowter (2014) afirma que

A teoria da conspiração é uma prática doentia e de lavagem cerebral que é imprópria para os cristãos e causa grandes danos ao estado de espírito e ao caráter de uma pessoa: fanatismo, julgamento e autoilusão são os seus frutos. Isso viola os princípios do processo de pensamento direto estabelecidos na Bíblia, como verificação, imparcialidade e raciocínio baseado em evidências. Apresenta a especulação como fato e os fatos como mentiras [...]. Portanto,

⁵ “Many of my Christian friends spend a lot of time on conspiracy theories, - chem-trails, HARRP, secret societies, vaccines, etc. They often excitably share their compelling discoveries with the intention that others will also watch DVDs and join discussions. Many times I have explained that we already know how the world is going to end, and how the Lord gets us from here to there is not my concern. It is sad to see so many people drawn away from the wonderful news of Jesus love, wasting their time examining whatever happens to be the latest conspiracy. Please do not spend your precious time on conspiracy theories. Determine, like Paul, to speak only the good news of Jesus” (Comentário de publicação. Disponível em: <https://ssnet.org/blog/end-time-conspiracy-theories/#fn-42382-4>. Acesso em: 10 jun. 2024).



acredito que as teorias da conspiração não são apenas insalubres ou prejudiciais, elas são pecaminosas (tradução própria).⁶

Segundo Dowter (2014), temos três critérios bíblicos para julgar a relevância de uma teoria: o critério da verificação (1Ts 5:1), que nos incentiva a “provar todas as coisas”; o critério da imparcialidade e da objetividade (Tg 3:17; 1Tm 5:21); e o critério da evidência bíblica (At 18:28), que nos diz que não devemos crer em argumentos que destoam dos ensinamentos bíblicos. Assim, temos instrução da própria Bíblia para que evitemos nos envolver demasiadamente com teorias da conspiração porque essa é, essencialmente, uma atividade infrutífera:

O SENHOR me advertiu firmemente de que não pensasse como todos os outros. Disse ele: “*Não chame tudo de conspiração*, como eles fazem; não viva com medo do que eles temem. Considere o SENHOR dos Exércitos santo em sua vida; é a Ele que você deve temer. Ele é quem deve fazê-lo estremecer; Ele o manterá seguro” (Is 8:11-13, Nova Versão Transformadora, grifo nosso).

Ao se dedicar, de todo o coração, a uma teoria da conspiração, a pessoa entra naquilo que a literatura convencionou chamar de “toca de coelho”: um mundo bizarro, uma tangente ou desvio demorado, do qual é difícil sair (Carroll, 2023). Segundo West (2018, p. 15),

A toca do coelho é vista como um bom lugar, onde a verdadeira natureza do mundo é revelada. O momento da pílula vermelha pode ser o primeiro vídeo do YouTube ao qual assistiram, uma conversa com um amigo ou um livro. Eles acordam, tomam a pílula vermelha e descem voluntariamente para a toca do coelho, rumo ao que consideram um incrível país das maravilhas da verdade (tradução própria).⁷

⁶ “*Conspiracy Theorising is an unhealthy and brainwashing practice that is unbecoming of Christians and does major damage to one’s frame of mind and character - fanaticism, judgmentalism and self-delusion are the fruits. It breaks straight-forward thought process principles laid out in the Bible, such as Verification, Impartiality and Evidence-based reasoning. It presents speculation as fact, and presents facts as lies [...]. Therefore, it is my belief that Conspiracy Theorising is not only unhealthy, it’s not only damaging, it is a sin*” (Comentário de publicação. Disponível em: <https://ssnet.org/blog/end-time-conspiracy-theories/#fn-42382-4>. Acesso em: 10 jun. 2024).

⁷ *The rabbit hole is seen as a good place to be, a place where the true nature of the world is revealed. Their red pill moment might be the first YouTube video they watched, a conversation with a friend, or a book. They wake up, take the red pill, and proceed deliberately down the rabbit hole into what they see as an incredible wonderland of truth.*



Para ajudar uma pessoa a sair da “toca do coelho”, West (2018) recomenda que compreendamos que uma teoria da conspiração é uma “toca de coelho” e que os adeptos da conspiração são pessoas normais. Depois disso, é preciso desenvolver uma compreensão clara do que estão pensando e de por que pensam assim; promover a confiança e o respeito mútuo; encontrar áreas de acordo e reconhecer suas preocupações como genuínas; identificar erros em suas crenças ou áreas nas quais lhes faltem informações; expor-lhes novas informações para ajudá-los a obter uma perspectiva mais factual; fazer tudo isso com honestidade e abertura; e dar tempo ao tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que as teorias de conspiração com as quais estamos cada vez mais familiarizados são, em grande medida, certa evolução da literatura de escape, pois conseguem criar fantasias abrangentes que ultrapassam as páginas dos livros e se imiscuem na vida das pessoas, pedindo sua cumplicidade para a figuração do mundo. Como no caso da literatura, as teorias de conspiração permitem escapar deste mundo. Para isso, elas contam com todo um aparato de sustentação. Em muitos sentidos, algumas dessas teorias de conspiração alcançam um estatuto semelhante ao da religião, cujos iniciados se tornam adeptos dedicados, o que beira, em alguns casos, o fanatismo.

Pode-se dizer das teorias de conspiração o que Compagnon fala da teoria literária em geral, que elas tentam atropelar o senso comum:

A ofensiva da teoria contra o senso comum volta-se contra ela mesma, que fracassa ainda mais passando da crítica à ciência, substituindo o senso comum por conceitos positivos, e, diante dessa hidra, as teorias proliferam, defrontam-se mutuamente, correndo o risco de perder de vista a própria literatura. A teoria, como se diz em inglês, *paints itself into a corner*, cai na armadilha que construiu para o senso comum, tropeça nas aporias que ela mesma suscitou, e o combate recomeça. Seria preciso um Hércules particularmente irônico para sair disso de maneira vitoriosa (Compagnon, 1999, p. 258).

Quando consideramos a relevância da literatura para revelar aspectos importantes da vida e contrastamos essa relevância com a forma obsessiva como



muitas pessoas sucumbem às teorias de conspiração, constatamos que essas teorias geralmente não edificam, pois não são capazes de contribuir para a construção de uma espiritualidade saudável. Em geral, as teorias de conspiração não passam nos dois testes de Perrine (1993), pois elas falham em alcançar seu propósito central e tampouco conseguem que esse propósito central seja suficientemente relevante.

A literatura de escape oferece situações superficialmente baseadas na vida cotidiana, mas claramente ficcionais. Apesar disso, é possível que alguns de seus leitores tomem essas situações como representantes fictícios de aspectos importantes da realidade. Ou seja, pode ser que o leitor inexperiente a conceba como um espelho da vida. Daí, sua proximidade com as teorias de conspiração que também se apresentam como narrativas concatenadas para expressar uma realidade alternativa.

Não obstante, não se quer dizer com isso que a literatura de escape e as teorias da conspiração apelem apenas para as mentes fracas. Não se trata de fraqueza mental, mas de se ter ou não adquirido as ferramentas intelectuais necessárias para explorar ideias científica ou literariamente. De fato, dada a facilidade com que as teorias de conspiração se propagam no meio digital, é preciso considerá-las com cuidado e atenção. É necessário testá-las e submetê-las ao crivo da razão e da fé. Em qualquer caso, é preciso confiar que “se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Sl 127:1, Almeida Revista e Atualizada). Ou seja, a literatura e os empreendimentos verdadeiramente edificantes são aqueles que refletem a bênção de Deus.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Bauru: Via Leitura, 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas e através do espelho**. Barueri: Novo Século, 2023.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.



DENTITH, M. **The philosophy of conspiracy theories**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

ECO, U. **Leitura do texto literário: lector in fabula: a cooperação interpretativa dos textos literários**. Lisboa: Presença, 1983.

GULYAS, A. **Conspiracy theories: the roots, themes and propagation of paranoid political and cultural narratives**. Jefferson, NC: McFarland & Company, 2016.

HODAPP, C.; KANNON, A. **Conspiracy theories & secret societies for dummies**. Hoboken, NJ: Wiley, 2008.

HOFSTADTER, R. The paranoid style in American politics. **Harper's Magazine**, 1964. Disponível em: <https://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics>. Acesso em: 10 jun. 2024.

KOCH, I.; ELIAS, V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MENCKEN, H. **A Mencken chrestomathy**. New York: Alfred A. Knopf, 1949.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERRINE, L. **Literature: structure, sound and sense**. 6. ed. Fort Worth: Harcourt Brace, 1993.

RAMSAY, R. **Conspiracy theories**. Harpenden: Pocket Essentials, 2006.

WEST, M. **Escaping the rabbit hole: how to debunk conspiracy theories using facts, logic, and respect**. New York: Skyhorse, 2018.

WOLFE, T. **You can't go home again**. New York: Scribner, 2011.